

Movimento Passe de Classe

Jorge Luiz Souto Maior^(*)

Recentemente, a sociedade brasileira foi definitivamente influenciada pelo Movimento Passe Livre, no sentido de compreender a importância das mobilizações populares na luta pela efetivação de direitos.

Ainda que muitos insistam em fazer crer que se tratou de uma onda passageira, sem maiores implicações históricas, o fato é que várias têm sido as repercussões positivas daquele momento, sendo que a mais recente está prestes a ocorrer exatamente na estrutura mais arcaica e antidemocrática da sociedade brasileira, que é o futebol.

Noticia-se que 75 (setenta e cinco) atletas profissionais do futebol organizaram um movimento para questionar o calendário fixado pela CBF para o ano de 2014.

Esse movimento bem que poderia se chamar Movimento Passe de Classe, por vários motivos.

Primeiro, para, fazendo alusão ao Movimento Passe Livre, expressar que as manifestações de junho repercutiram na mobilização dos jogadores, servindo, inclusive, para demonstrar uma interação destes com os problemas sociais brasileiros.

Segundo, para deixar claro, já no nome, que a reação contra um calendário que só vislumbra os interesses econômicos e políticos dos clubes e das entidades ligadas ao futebol, desprezando a salubridade e a própria sanidade dos trabalhadores, quais sejam, os atletas, tem a função, também, de preservar a qualidade dos passes e dos dribles, em nome de um melhor espetáculo, pois o futebol, por intermédio da construção romântica de tantos poetas, tornou-se também uma arte.

E terceiro, e mais importante, para que os atletas profissionais de futebol assumam, enfim, a sua feição de classe, uma classe de trabalhadores, o que, ademais, representa algo efetivamente revolucionário no meio e serve de grande exemplo para os demais trabalhadores.

^(*) Professor livre-docente da Faculdade de Direito da USP.

O fato é que a estruturação econômica do futebol tem servido, ao longo dos anos, para desprezar a amplitude dos direitos fundamentais dos atletas, os quais acabam se submetendo a inúmeras situações supressivas da dignidade, tudo em prol dos interesses maiores dos clubes, considerados, inclusive, como entidades que carregam a responsabilidade de manter sobre controle social uma legião de seguidores ardorosos e doentes, os torcedores.

É bem verdade que hoje em dia, muitos clubes possuem uma estrutura exemplar no tratamento da saúde e do desenvolvimento do potencial atlético dos jogadores, mas isso está longe de constituir a generalidades dos casos e não elimina todos os sacrifícios a que os atletas são expostos com a quantidade excessiva de jogos, com as concentrações e, até mesmo, com a constante insegurança quanto ao efetivo recebimento dos salários, sem falar de todas as situações que passam ao longo da construção da carreira até conseguirem alcançar os denominados bons empregos, com boas condições de trabalho e bons salários (por vezes ilicitamente disfarçados em direito de imagem).

Desde a formação, os jogadores estão sujeitos a várias agressões. No caso brasileiro, são expostos desde cedo à condição de deixarem os estudos em segundo plano, para privilegiarem a dura luta por um lugar ao sol no futebol (lógica que, infelizmente, se estende a todos os demais esportes). E, para tanto, são expostos, bem cedo, à lógica da concorrência, com incentivo a uma postura individualista na busca do sucesso, da estabilidade econômica e da fama, almejando chegar à condição especial de “astros” do time e de, assim, angariarem a “adoração” da torcida.

Só que até a realização desse sonho, que se concretiza para muito poucos, os jogadores vão se desumanizando até o ponto de se verem considerados como um “patrimônio” do clube ou de “empresários” e neste percurso vão aceitando quase que naturalmente as condições de trabalho impostas e, em geral, dando-se por satisfeitos e agradecidos por terem a oportunidade de participar da equipe, reforçando-se a lógica do favor/gratidão pela difusão da ideia de que os clubes “investem” nos jogadores, de onde advém, aliás, a racionalidade de uma espécie de “escravidão por dívida”, da qual apenas se libertam com o pagamento do “passe”, lógica esta que se reforça seja pela sensação de que a realidade de “pertencerem” a um clube ou a um empresário já é por si bem melhor do que a vida difícil que tinham antes (no geral das vezes), seja pela esperança de que dias ainda melhores virão. E essa opressão é favorecida pelo caráter restrito deste mercado de trabalho, no qual muito facilmente se

identificam os “rebeldes” do futebol, que passam a levar consigo essa “marca” e a ser alvo de retaliações, ainda que veladas.

A presente mobilização dos atletas profissionais de futebol contra o calendário significa, portanto, um passo essencial para que estes desenvolvam uma efetiva consciência de classe, promotora da solidariedade, permitindo que reconheçam, enfim, a importância da ação sindical, para que, desse modo, na perspectiva de uma atuação coletiva, várias outras formas de supressão da condição humana dos jogadores sejam postas em pauta, a começar, talvez, pela necessidade de preservação do direito fundamental à privacidade.

A situação vivenciada pelos jogadores de futebol, no sentido das dificuldades, não é pior que aquela por qual passa a enorme maioria dos trabalhadores brasileiros, aliás, muito pelo contrário, até porque estes não são tratados com qualquer espécie de “glamour”, não recebem vultosos salários e estão por aí enfrentando enormes dificuldades para chegar e voltar do trabalho, para manter o emprego e, em certo sentido, para conseguir sobreviver.

De todo modo, não se pode menosprezar as dificuldades enfrentadas pelos jogadores de futebol e minimizar a relevância de sua luta, até porque as histórias de sucesso não se dão para a maioria deles e não é porque se paga ou se recebe um bom salário que a condição humana pode ser aviltada.

A mobilização dos atletas profissionais do futebol, que se anuncia, é extremamente importante para que se consiga, enfim, dar um basta ao tratamento coisificado que os jogadores têm recebido na relação com os clubes, o que não raramente se estende aos torcedores e mesmo a parte do segmento do jornalismo esportivo, e para que os demais trabalhadores brasileiros percebam que se mesmo neste ambiente hostil à ação coletiva, vez que se baseia na lógica do individualismo e na concorrência predatória, ainda que o jogo seja coletivo, a mobilização organizada é possível, sendo, ademais, a única capaz de alterar a realidade, com muito mais razão devem considerar que a solidariedade de classe é a essência de sua luta trabalhista. Devem reconhecer que não será pela reprodução da lógica da concorrência, da superação do adversário a qualquer custo, que conseguirão uma situação progressiva ou revolucionariamente melhor.

Em suma, que os atletas profissionais do futebol consigam com seu Movimento melhorar o Passe e se vejam, enfim, como Classe.